



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA

MURILO MATOS DE ALCÂNTARA

**PESQUISA COM CRIANÇAS NA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DA
PRODUÇÃO NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA
REGIÃO NORTE**

BRAGANÇA - PA
2023

MURILO MATOS DE ALCÂNTARA

PESQUISA COM CRIANÇAS NA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DA
PRODUÇÃO NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DA REGIÃO NORTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança como parte do requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Natalina Mendes Freitas

BRAGANÇA-PA
2023

MURILO MATOS DE ALCÂNTARA

PESQUISA COM CRIANÇAS NA AMAZÔNIA: uma análise da produção nos
programas de pós-graduação em educação da região norte

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Natalina Mendes Freitas
Orientadora – UFPA

Profa. Dra. Maria Gorete Rodrigues
Examinadora UFPA

Prof. Dra. Ana Paula Vieira e Souza
Examinadora UFPA

PESQUISA COM CRIANÇAS NA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO NORTE

Murilo Matos de Alcântara¹

Maria Natalina Mendes Freitas²

RESUMO

O presente texto visa promover a visibilidade das produções acadêmicas relacionadas à temática da criança, infância e Amazônia, por meio de um mapeamento de teses e dissertações produzidas e defendidas nos Programas de Pós-graduação em Educação da Região Norte do Brasil, no período de 2010 a 2020. Tem como objetivo mapear e analisar, com base na Sociologia da Infância e nos estudos da História da Infância, o estado do conhecimento sobre crianças-infância-educação na Amazônia. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico, que se aproxima dos estudos configurados como estados do conhecimento. Por meio da busca nos repositórios de teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Educação da região Norte, catalogamos um total de 73 produções acadêmicas (59 dissertações e 14 teses) relacionadas à temática central do estudo, as quais utilizam-se dos termos "crianças", "infâncias" e "Amazônia". Considerando a ampla gama de produções disponíveis, especialmente neste estudo, foram analisadas seis dissertações, visando obter uma compreensão mais abrangente sobre a criança e a infância nos diferentes contextos amazônicos.

Palavras-chave: Crianças; Infâncias; Amazônia; Estado do Conhecimento.

ABSTRACT

The present text aims to promote the visibility of academic productions related to the theme of children, childhood, and the Amazon, through the mapping of theses and dissertations produced and defended in the Postgraduate Programs in Education in the Northern Region of Brazil, from 2010 to 2020. The objective is to map and analyze, based on the Sociology of Childhood and studies of the History of Childhood, the state of knowledge about child-childhood-education in the Amazon produced in Postgraduate Programs in Education in the Northern Region of Brazil.

¹ Graduando no curso de Licenciatura em Pedagogia. E-mail: matosmurilo22@gmail.com.

² Doutora em Educação (UFPA), Professora da Faculdade de Educação pela Universidade Federal do Pará.

Methodologically, it is a qualitative and bibliographic research, approaching studies configured as state of knowledge. Through the search in the repositories of theses and dissertations of the Postgraduate Programs in Education in the Northern region, we cataloged a total of 73 academic productions (59 dissertations and 14 theses) related to the central theme of the study, using the terms "children," "childhood," and "Amazon." Considering the wide range of available productions, especially in this study, six dissertations were analyzed in order to obtain a more comprehensive understanding of the child and childhood in different Amazonian contexts.

Keywords: Children; Childhood; Amazon; State of Knowledge.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca aprofundar a discussão sobre pesquisas com crianças e infâncias na/da Amazônia no meio acadêmico. Tem como objetivo mapear e analisar, com base na Sociologia da Infância, Antropologia da criança e estudos da História da Infância, o estado do conhecimento sobre criança-infância-Amazônia na Região Norte do Brasil, por meio de produções científicas produzidas em Programas de Pós-graduação em Educação, (teses e dissertações), publicadas no período de 2010 a 2020, as quais abordam as implicações políticas, econômicas, ambientais, culturais e sociais relacionadas a essas temáticas.

As motivações para a realização deste estudo partem do meu envolvimento com pesquisas sobre a criança e a infância, as quais suscitaram uma série de reflexões e despertaram meu interesse em explorar e aprofundar temas relacionados a essas áreas; em especial as temáticas relacionadas à Amazônia, o que proporcionou meu ingresso como voluntário no Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infância, Educação e Cultura na Amazônia Paraense (NEPIECAP).

No NEPIECAP participei de debates, projetos de extensão e de pesquisa que abrangeram temas relacionados à educação do campo, educação infantil, estudos com crianças e infâncias na/da Amazônia, territorialidade etc. Sendo esta pesquisa fruto do projeto intitulado *Crianças, Infâncias e Amazônia: mapeamento de produções acadêmicas em programas de Pós-graduação em Educação da região norte do país*³, no qual atuei como bolsista.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de problematizar e dar visibilidade às diferentes infâncias, legitimando as experiências vivenciadas pelas crianças no contexto

³ Projeto vinculado ao programa de iniciação científica PIBIC - PRODOUTOR (2021-2022).

amazônico, onde uma de suas principais características é a multiculturalidade. Nesse sentido, as crianças estão presentes em diferentes comunidades: indígenas, ribeirinhas, quilombolas, nas várzeas etc. Constituindo um vasto campo de investigação, revelador de aspectos universais e específicos.

Dessa forma, é possível levantar diferentes problemáticas, como: quais infâncias permeiam a Amazônia? Quais características as crianças apresentam sobre suas vivências e com seus grupos sociais? Qual a relação da criança com o saber local e com a natureza? Essas reflexões instigaram-me a adentrar aos universos infantis por meio das pesquisas já realizadas, para que fosse possível traçar uma cartografia dos trabalhos realizados e suas temáticas.

De modo geral, este estudo consiste em uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, que sistematiza produções acadêmicas, teses e dissertações relacionadas à temática criança, infância e Amazônia, publicadas no período de 2010 a 2020. O tipo de estudo adotado é conhecido como "estado do conhecimento", que envolve a identificação, registro e categorização da produção científica de uma área específica em um determinado espaço e tempo (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155). Nesse cenário, o estado do conhecimento produzido neste estudo congrega dissertações e teses produzidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação da região norte.

De modo específico, se constitui em uma análise de seis dissertações que tratam de pesquisas com crianças e sobre infâncias em diferentes contextos amazônicos. Essas pesquisas são relevantes, pois trazem novas perspectivas e valorizam socialmente as crianças e as infâncias.

Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que busca obter indicadores (quantitativos ou não) por meio de procedimentos objetivos e sistemáticos para descrever o conteúdo das mensagens. Esses indicadores permitem inferir conhecimentos sobre as condições de produção e recepção das mensagens, que são variáveis inferidas (BARDIN, 2016, p. 48).

Este texto está dividido em sete seções: a "Introdução", na qual apresento as motivações para realização deste estudo; o "Percurso metodológico", em que descrevo os métodos utilizados para a construção do *corpus* da pesquisa; em seguida apresento a contextualização dos estudos sociais da criança e da infância, abordando reflexões de autores da área. A seção "Pesquisas com crianças na Amazônia" descreve o desenvolvimento das pesquisas com crianças, considerando o contexto amazônico. Na seção intitulada "Recorte do mapeamento pesquisado", apresento breves apontamentos relacionados aos resultados do mapeamento bibliográfico. Na sessão seguinte, destaco as análises das seis dissertações, nas quais se

encontram diversos apontamentos sobre as crianças e as representações da infância nos estudos analisados. Por fim, nas considerações finais, abordo as contribuições deste estudo para o meu desenvolvimento como pedagogo.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa descrita neste estudo utilizou a abordagem qualitativa para buscar, organizar e analisar as informações. Segundo Pereira et al. (2018), os métodos qualitativos envolvem a interpretação do pesquisador sobre o fenômeno em estudo; nessa abordagem, o pesquisador desempenha um papel central, sendo responsável pela seleção, organização e interpretação dos dados. Além disso, Marconi e Lakatos (2017, p. 303) afirmam que a pesquisa qualitativa ocorre em situações naturais, proporcionando uma riqueza de dados descritivos e uma compreensão complexa e contextualizada da realidade.

Esta pesquisa também se caracteriza como um estudo do tipo estado do conhecimento, por realizar um mapeamento das produções acadêmicas e científicas em crianças e infâncias na/da Amazônia realizadas na década de 2010-2020. Ademais, as pesquisas em “Estado do Conhecimento” têm a intencionalidade de realizar o balanço da produção científica em uma determinada área, e, por este motivo, vem crescendo enquanto concepção metodológica nos últimos anos, no Brasil.

Segundo Romanowski e Ens (2006, p.38), houve, nos últimos anos, um aumento significativo de publicações, (teses, dissertações e artigos na área da Educação), que levantaram várias questões e preocupações por parte dos pesquisadores. Surgiram questionamentos sobre os temas mais abordados, as abordagens metodológicas utilizadas e as contribuições e relevância dessas publicações na área.

De acordo com Ferreira (2002), os pesquisadores que realizam estudos do tipo estado da arte ou estado do conhecimento, geralmente utilizam catálogos de faculdades, universidades, associações nacionais e órgãos de fomento à pesquisa como fontes básicas de referência para coletar dados e realizar análises. Essas fontes são consideradas as principais em termos de produção científica.

Nesse sentido, este estudo utilizou os repositórios de teses e dissertações de doze programas de Pós-graduação de universidades Federais e Estaduais da região norte como fonte de dados. Os programas selecionados estão apresentados no quadro 1:

Quadro 1 - Programas de Pós-graduação em Educação.

ESTADOS	UNIVERSIDADES	PROGRAMAS	NÍVEL
Acre	UFAC - Universidade Federal do Acre	Educação	Mestrado
Amapá	UNIFAP - Universidade Federal do Amapá	Educação	Mestrado
Amazonas	UEA - Universidade do Estado do Amazonas	Educação e Ensino de Ciências na Amazônia	Mestrado
Amazonas	UFAM - Universidade Federal do Amazonas	Educação	Mestrado/Doutorado
Pará	UFPA - Universidade Federal do Pará	Educação	Mestrado
Pará	UFPA - Universidade Federal do Pará	Educação e Cultura	Mestrado/Doutorado
Pará	UEPA - Universidade do Estado do Pará	Educação	Mestrado/Doutorado
Pará	UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará	Educação	Mestrado
Rondônia	UNIR - Universidade Federal de Rondônia	Educação	Mestrado
Rondônia	UNIR - Universidade Federal de Rondônia	Educação Escolar	Mestrado
Roraima	UFRR - Universidade Federal de Roraima	Educação	Mestrado
Tocantins	UFT - Universidade Federal do Tocantins	Educação	Mestrado

Fonte: Elaboração do autor do trabalho, 2023.

A seleção dos programas revelou um notável aumento na oferta de programas de Pós-graduação em Educação na região norte ao longo das últimas décadas. É válido ressaltar que o pioneiro na região foi o programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, cujo início remonta a 1987. Além disso, é relevante mencionar que a Universidade Federal de Roraima (UFRR) recentemente abriu seleção para o seu programa no ano de 2021.

No que diz respeito ao levantamento bibliográfico, as buscas foram realizadas nos repositórios dos programas previamente selecionados, buscando trabalhos disponíveis acessíveis via internet. Para direcionar as buscas, utilizou-se os descritores "criança", "infância" e "Amazônia". Com base nesses critérios de busca, compilamos um *corpus* de pesquisa composto por **73** produções acadêmicas, sendo **59** dissertações e **14** teses, todas publicadas entre 2010 e 2020.

As produções selecionadas estão distribuídas entre os programas de Pós-graduação em educação na região norte. Após a construção do *corpus* da pesquisa, realizamos uma análise

preliminar dos trabalhos produzidos nos últimos anos, nesses programas. A análise preliminar seguiu um percurso metodológico dividido em quatro momentos distintos, alguns deles ocorrendo, simultaneamente, conforme descrito a seguir:

- 1) Seleção das teses e dissertações nos programas de Pós-graduação em Educação, no período de 2010 a 2020, utilizando os descritores “criança”, “infância” e “Amazônia”;
- 2) Leitura dos resumos das teses e dissertações mapeadas;
- 3) Seleção das produções a partir da leitura dos resumos, cujas temáticas mais se aproximam do objeto de estudo da presente pesquisa;
- 4) Leitura e análise das teses e dissertações selecionadas.

A coleta das informações ao longo desse percurso metodológico permitiu a construção de diversas compreensões sobre as pesquisas realizadas com crianças e infâncias na/da Amazônia. A partir dessa análise, foram identificadas as produções que mais se aproximam ao objeto deste estudo, uma vez que das 73 produções selecionadas, nem todas abordavam exatamente o objeto de análise desta pesquisa. Algumas delas tratavam de temas relacionados à saúde, à organização do espaço escolar infantil, processos de letramento, processos judiciais, entre outros.

OS ESTUDOS DA CRIANÇA E DA INFÂNCIA

As crianças nem sempre foram consideradas capazes de produzir cultura, ou seja, não eram reconhecidas como agentes sociais pela sociedade. No entanto, nas últimas décadas, as crianças têm ganhado voz e cada vez mais vem crescendo sua afirmação no cenário internacional em prol da contribuição infantil para a sociedade. Isso é resultado das transformações históricas, sociais e culturais pelas quais a criança se tornou objeto de atenção, tanto da sociedade quanto das Ciências Sociais e Humanas. Quinteiro (2002, p. 142) analisando a emergência dos estudos da infância, afirma que demorou um certo tempo para que as ciências sociais e humanas passassem a focar a criança e a infância como temas centrais de pesquisa.

Uma análise da produção histórica dos estudos sobre a criança e a infância revela que esses estudos foram inicialmente influenciados por uma abordagem "adultocêntrica", que tinha como referência a perspectiva do adulto. Segundo Sarmiento (2005, p. 23), a criança era vista como o não-adulto, e essa visão 'adultocêntrica' da infância enfatizava a ausência, a

incompletude ou a negação das características de um ser "humano completo". Essa concepção foi difundida e persistiu em diversas sociedades, por séculos.

Nessa perspectiva, a criança era marginalizada pelo mundo adulto, sendo considerada incapaz de possuir as capacidades intelectuais necessárias para responder por si mesma. Além disso, a infância era entendida como um "tempo de passagem", no qual a criança precisava ser tutelada e normatizada, pois se acreditava que "as crianças não tinham capacidades cognitivas, emocionais e sociais para processar e responder a questões acerca de comportamentos, percepções, opiniões, conceitos, culturas, saberes, vivências, realidades, etc." (ALVES, 2020, p. 34). Essa visão contribuía para a ideia de que a infância era uma fase "natural e universal" na vida das crianças, ou seja, uma fase uniforme para todas elas, sem considerar as condições sociais em que vivem e sua participação nas mudanças sociais.

Barbosa (2014, p. 648) afirma que o desenvolvimento dos estudos sobre a infância ocorreu principalmente nos campos da Psicologia e da Pedagogia. Portanto, seria correto reivindicar os psicólogos e pedagogos como os fundadores dos Estudos da Infância e da Criança, pois abriram espaço para a pesquisa sobre as crianças e contribuíram ativamente para a formulação de uma nova concepção de infância. No entanto, a autora destaca que talvez a armadilha dessa "pré-história" dos novos Estudos da Infância e da Criança foi a busca por uma essência da criança, uma concepção homogeneizadora e evolutiva do desenvolvimento humano.

Além dos estudos da Psicologia e da Pedagogia, é importante ressaltar as teorias tradicionais de socialização que consideram as crianças como meros receptores de cultura. Nessa visão, a criança é vista como separada da sociedade, sendo moldada e guiada por influências externas para se tornar um membro funcional (CORSARO, 2011, p. 19). Sob essa perspectiva sociológica, a criança é entendida como um ser passivo, necessitando ser padronizado e tutelado pela sociedade. Esse processo de padronização ocorre por meio da socialização, em que a criança apenas interioriza a cultura adulta, considerada superior e dominante.

Barbosa (2014, p. 652) enfatiza que “nessa perspectiva, a relação das crianças pequenas com a cultura é apenas de absorção, pois elas, vistas como recém-chegadas, apenas aprendem pelo processo de transmissão-assimilação da cultura adulta dominante”. Nessa lógica, a criança necessita se apropriar das normas, valores sociais, conhecimentos e práticas culturais, para que assim ocorra o processo de internalização da cultura adulta, garantindo a reprodução social e integração da criança na sociedade.

Müller e Hassen (2009), por sua vez, apontam que as teorias tradicionais corroboram com o paradigma da infância como uma fase da vida associada à irracionalidade, à imaturidade, além de apresentá-la como um evento universal, igual para todas as crianças. Esses conceitos levaram as crianças a serem estudadas como um fenômeno interligado à escola, à família e à discussão sobre sua socialização como uma forma de inculcação de valores sociais.

Em contrapartida, no final do século XX, surgiram os novos estudos sociais da criança e da infância, que promovem uma reflexão crítica sobre as abordagens existentes e apontam para uma reconfiguração possibilitada por novas compreensões científicas, bases teóricas da sociologia da infância, história da infância, antropologia da criança e procedimentos de investigação diferenciados (BARBOSA, 2014). Assim, o campo dos novos estudos da criança e da infância foi construído por meio de uma abordagem crítica, emergindo no contexto de perspectivas críticas que buscaram romper com concepções generalizáveis sobre a infância e construir um conhecimento situado e com possíveis relações disciplinares (BARBOSA; DELGADO; TOMÁS, 2016, p. 112).

O sociólogo William Corsaro (2011) é um dos principais estudiosos que contribuiu para ressignificar o conceito de infância. Em sua pesquisa sobre as interações sociais infantis no contexto escolar, observou que as crianças se reúnem diariamente para produzir a sua cultura de pares. O autor utiliza a expressão "grupo de pares" para se referir a um grupo de crianças que convivem e compartilham artefatos, movimentos e brincadeiras no mesmo contexto, diariamente.

Nesse sentido, ao contrário das perspectivas mais tradicionais, que consideram as crianças como seres passivos e em desenvolvimento, o autor argumenta que as crianças têm uma participação ativa na formação de sua própria cultura infantil. Ele observa que as crianças constroem sistemas sociais complexos em seus espaços de socialização, como escolas, creches e áreas de brincadeiras, onde interagem e estabelecem suas próprias normas e regras.

Desse modo, Corsaro (2011) apresentou reflexões e críticas significativas visando uma reestruturação do processo de socialização infantil, introduzindo o conceito de reprodução interpretativa.

O termo interpretativo abrange aspectos inovadores e criativos da participação infantil na sociedade. [...] as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações. O termo reprodução inclui a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudanças culturais (CORSARO, 2011, p. 31)

Com base na ideia de reprodução interpretativa, o autor destaca que as crianças, durante o processo de socialização, não são apenas moldadas pela cultura, mas também desempenham um papel ativo na transformação cultural da sociedade. As interações no contexto social desempenham um papel fundamental na construção de pensamentos, ideias e questionamentos sobre o mundo. Portanto, é necessário compreender a criança como um ser capaz de produzir cultura, e não meramente como uma folha de papel em branco na qual a sociedade imprime suas ideias sobre ela.

A partir desse novo olhar, nasce a Sociologia da Infância como um campo de estudo que adota um novo olhar sobre a infância e a criança. Seu objetivo principal é compreender como as crianças vivem, pensam, possuem suas próprias culturas e expressam suas visões, sentimentos e ações, e, ao escutar seus gostos e preferências, podemos realmente compreendê-las como um grupo humano (BARBOSA, 2007). Quinteiro (2002) argumenta que os primeiros elementos para uma sociologia da infância surgem em oposição à concepção de infância como um simples objeto passivo de socialização orientada por instituições ou agentes sociais.

Sarmento (2005b, p. 363) destaca que a Sociologia da Infância busca estabelecer a infância como um objeto sociológico, superando conceitos biológicos que a reduzem a um estágio intermediário de maturação e desenvolvimento humano, conceitos psicologizantes que veem as crianças como sujeitos que se desenvolvem independentemente da construção social de suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre elas.

Müller e Hassen (2009) advogam que os sociólogos da infância têm como mérito romper com o modo limitado que sociologia tradicional concebia a infância, dando visibilidade a algumas premissas:

- 1) reconhecimento da infância como categoria social;
- 2) necessidade de pesquisa com as crianças e não somente sobre elas;
- 3) crítica às teorias tradicionais da socialização;
- 4) novas teorizações sobre a infância;
- 5) crítica à marginalização das crianças na disciplina.

A abordagem também se preocupou com as condições de vida das crianças e seus diferentes contextos sociais e históricos, dando origem à negação de um único conceito de infância, universal, somente atrelado aos aspectos físicos das crianças. (MÜLLER; HASSEN, 2009, p. 473)

Nessa perspectiva, os estudiosos da infância consideram a criança como um sujeito de conhecimento, ou seja, como um ser social e político capaz de tomar decisões e falar sobre si mesma, sendo as próprias informantes sobre seu mundo social. Para Cohn (2005) a criança é um sujeito ativo na construção de suas relações socioculturais, não sendo, portanto, passiva na

incorporação de papéis e comportamentos sociais. Nesse sentido, Barbosa (2007) nos faz compreender que:

As crianças não são e não existem como seres abstratos e generalizáveis. E frases como: “Todas as crianças são imaturas, dependentes, alegres...” foram tão fortemente ensinadas e repetidas que, até hoje, naturalizamos estas características nas pessoas de pouca idade. Ao contrário, crianças, em variados tempos e espaços, viveram a sua experiência de infância de modos muito diferenciados, portanto a infância é uma experiência heterogênea (BARBOSA, 2007, p. 1065).

Diante do exposto, os estudos sociais da infância e da criança apontam para um novo paradigma. Primeiramente, as crianças são consideradas agentes sociais ativos, criativos, produtoras de cultura e história. Em segundo lugar, a infância é compreendida como um período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas, sendo uma forma estrutural. A infância como forma estrutural corresponde a uma categoria ou parte da sociedade, assim como as classes sociais e os grupos etários. Portanto, as crianças são membros ou operadoras de suas infâncias. (CORSARO, 2011, p. 15).

Sarmento (2005b), advoga que as variações das condições sociais de vida das crianças são o fator principal que determinam a heterogeneidade de infâncias. Para o referido autor, as crianças são seres sociais e, “como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertence, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem” (p. 370). Nesse sentido, compreende-se que as múltiplas diferenças dos espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças, o que implica afirmar que as condições sociais e culturais nas quais as crianças se encontram, contribuem para a existência de múltiplas infâncias.

Esta ideia é destacada no livro "Antropologia da Criança" da antropóloga Clarice Cohn (2005), no qual a autora demonstra que a infância possui uma natureza particular, não sendo universal. Segundo o estudo conduzido por Cohn, em algumas culturas e sociedades, a concepção de infância pode ser inexistente ou manifestar-se de maneiras distintas. O que é ser criança, ou quando acabar a infância, pode ser pensada de diferentes formas nos contextos socioculturais.

Barbosa, Delgado e Tomás (2016, p. 105) ressaltam que a infância é um período bastante variável e que é difícil teorizar sobre a infância e as crianças sem considerar os contextos estruturais, condições e tempos em que elas se inserem. Nessa perspectiva, as infâncias são caracterizadas pela diversidade de experiências vividas pelas crianças. Essas experiências variam nos diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, culturais e até mesmo nas particularidades dos indivíduos.

Portanto, os estudos sociais da criança e da infância nos levam a refletir sobre o contexto amazônico, que se caracteriza pela sua notável heterogeneidade, tanto ambiental quanto social e cultural. É importante ressaltar que no contexto amazônico, o conceito de "ser criança" e a ideia de infância assumem uma natureza plural, variando consideravelmente entre as diferentes culturas, sociedades e comunidades presentes na região. Nesse sentido, as pesquisas com crianças no contexto amazônico contribuem para mostrar como as crianças vivem em diferentes contextos socioculturais, como veremos a seguir.

PESQUISA COM CRIANÇAS NA AMAZÔNIA

A partir das perspectivas apresentadas anteriormente, este tópico discute o campo de pesquisa com crianças na Amazônia. A intenção dos novos estudos com as crianças é possibilitar o encontro do pesquisador com elas, situadas contextualmente, a fim de escutá-las, traduzi-las e afirmá-las como um ato de liberdade. Busca-se construir, a partir das crianças, outras imagens de infância que levem a perspectivas mais locais, por meio da descrição, da escuta de suas vozes e de suas participações (BARBOSA; DELGADO; TOMÁS, 2016).

De acordo com Sarmiento e Oliveira (2020, p. 1125), a pesquisa com crianças busca compreender a infância a partir da perspectiva delas, ouvindo-as atentamente. Embora a infância seja uma categoria geracional universal, cada criança é um sujeito único e singular, o que evidencia a heterogeneidade desse conceito. Portanto, ao considerarmos a existência de diferentes infâncias na Amazônia, é crucial levar em conta o contexto específico em que as crianças estão inseridas, o qual desempenha um papel fundamental. Dessa forma, ao realizar pesquisas com crianças, os estudiosos devem ir além da visão de uma infância padronizada, proporcionando às crianças o protagonismo em suas próprias histórias, valorizando e legitimando suas vozes.

Para os estudiosos da sociologia da infância, explorar as perspectivas sociais das crianças é extremamente informativo, pois revela fatos sobre suas vidas cotidianas, muitas vezes desafiando os pressupostos tomados como certos sobre o que as crianças pensam. Logo, investigar a sociedade a partir do ponto de vista da criança representa grandes possibilidades investigativas para construção de:

Um conhecimento aprofundado sobre suas características, suas culturas, seus modos de interação na sociedade em que está situada. Mas isso não se faz de um modo qualquer; investigar as crianças pressupõe ouvi-las, dar significado às experiências que relatam e conhecer as formas diversas como se exprimem. (SARMENTO; OLIVEIRA 2020, p. 1127).

Diante do exposto, é notável que, por meio de suas falas, as crianças expressam suas histórias de vida e percepções sobre o mundo. Segundo Alves (2020, p. 34), os pesquisadores da infância devem reconhecer que a criança possui várias competências, incluindo a possibilidade de perceber aspectos de sua realidade, discernir seus sentimentos e expressar sua opinião sobre temas que a afetam naturalmente. Dessa forma, a escuta da criança permite aos pesquisadores fazer descobertas sobre suas culturas, hábitos, usos de linguagem e detalhes individuais.

Nessa perspectiva, o ponto de vista da criança não deve ser menosprezado, pelo contrário, ela tem muito a nos dizer. A criança, a partir do seu lugar, é capaz de expressar-se de forma simples, concreta e sensível:

Dando-nos a possibilidade de problematizá-las para que não fiquem no *sensus communis* como crianças “in-fans” - sem voz - mas que as percebamos sob um novo patamar, aquele em que a criança dá um novo sentido à ordem das coisas, que propicia ver a situação a partir de muitos ângulos [...] (ANDRADE; PACHECO, 2016, p. 111).

Esse olhar voltado para a criança é essencial para a realização de pesquisas. O pesquisador deve reconhecer que ela vive no presente, enquanto nós, adultos, já não estamos nesse período da vida e desconhecemos sua realidade. A infância é um presente em si, uma fase a que não mais pertencemos, e que não a compreendemos plenamente.

Cada época atribui diferentes significados à infância, que vão além das características biológicas da criança e estão relacionados às condições sociais (ABRAMOWICZ, 2018). Portanto, a principal ação do pesquisador é dar voz à criança, reconhecendo que ela é a melhor pessoa para falar de sua própria infância, pois vivencia suas experiências no presente.

Alves (2020), ao referir-se à pesquisa com crianças na Amazônia, ressalta que o pesquisador precisa adaptar-se aos espaços de vivências e conhecimentos culturais das crianças, que são extremamente heterogêneos e frequentemente desconhecidos pelo pesquisador. Ademais, a autora enfatiza que:

Investigar a cultura material infantil em comunidades na imensidão da região amazônica pressupõe cruzar tempestades e calmarias, mudanças de rotas, disponibilidade de tempo e principalmente conhecimento do contexto de campo. É preciso, ainda, que o pesquisador tenha competência para administrar o protagonismo das crianças que se sentem livres para expressarem suas opiniões (ALVES, 2020, p. 46).

Compreende-se, assim, que conduzir pesquisas na Amazônia é uma empreitada desafiadora, devido a diversidade e pluralidade do contexto territorial, caracterizado por vastas

distâncias e complexidades socioculturais. Desse modo, os variados cenários amazônicos demandam que o pesquisador se integre à cultura local das crianças, a fim de capturar suas vozes, expressões culturais, modos de vida, linguagens corporais e outras manifestações que coexistem harmoniosamente nesses ambientes.

RECORTE DO MAPEAMENTO PESQUISADO

Com base nos resultados da revisão bibliográfica, constatou-se uma maior quantidade de dissertações em comparação às teses selecionadas. Esse cenário pode ser atribuído à falta de programas de doutorado em Educação na região norte. Dentro do período de estudo, somente os programas da UFAM e UFPA disponibilizaram teses já publicadas em seus repositórios. A distribuição das teses e dissertações por ano de publicação pode ser visualizada no quadro a seguir:

Quadro 2 - Distribuição das teses e dissertações por ano de publicação

Ano de Publicação	Dissertações	Teses	Total	Percentual (%)
2020	3	2	5	7%
2019	10	3	13	18%
2018	13	1	14	19%
2017	6	3	9	12%
2016	1	2	3	4%
2015	7	2	9	12%
2014	6	1	7	10%
2013	4	-	4	5%
2012	3	-	3	4%
2011	2	-	2	3%
2010	4	-	4	5%

Fonte: Elaboração do autor do trabalho, 2023.

Os dados apresentados no quadro demonstram que a maior proporção das produções publicadas entre os anos de 2010 e 2020, concentra-se no ano de 2018. Nesse período, foram publicadas 14 pesquisas, sendo 13 dissertações e uma tese, o que representa 19% do total. Em relação aos demais anos, observa-se que 2019 teve treze produções; 2017 e 2015 tiveram nove publicações cada. Por outro lado, houve uma queda no número de produções nos anos de 2011,

com apenas duas, e nos anos de 2016 e 2012, com três cada. Esses anos representam os índices mais baixos de produções publicadas no período de 2010 a 2020.

Além disso, destaca-se a ênfase dada pela Universidade Estado do Pará (UEPA) a essa temática. Das seis dissertações analisadas, duas são provenientes do programa de Pós-graduação em Educação dessa universidade; isso se deve à proximidade da linha de pesquisa intitulada "Saberes Culturais e Educação na Amazônia", na qual foram encontradas as produções que mais abordam a temática pesquisada.

Outro dado identificado está relacionado às linhas de pesquisa dos programas, pois observou-se que esses programas não possuem uma linha de pesquisa específica que aborde a temática da criança e infância. As linhas identificadas tratam principalmente de políticas educacionais, formação de professores e currículo. Como resultado, as teses e dissertações publicadas abordam principalmente temas relacionados ao processo escolar, currículo, formação de professores, entre outros.

Sobre as produções selecionadas, a pesquisa identificou diferentes abordagens temáticas. São pesquisas que tratam da criança e da infância em contextos ribeirinhos, quilombolas, indígenas, camponeses, entre outros. Outros temas estão relacionados à educação na Amazônia, especialmente no que se refere à educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental. No entanto, a criança e a infância ainda são pouco exploradas como sujeitos de pesquisa nos diversos espaços e tempos da região amazônica.

As pesquisas baseiam-se na escuta de crianças de diferentes faixas etárias, sendo que cada pesquisador(a) trabalha com um público-alvo específico. Foram identificados trabalhos que centraram suas pesquisas na escuta de crianças de 3 anos, 5 anos, 6 a 7 anos, 7 a 9 anos, 4 a 12 anos, entre outros. Essas pesquisas foram realizadas em comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas, rurais, de várzea e camponesas, sendo a escola um dos principais locais de pesquisa.

Em termos de metodologia, a maioria das pesquisas adota uma abordagem qualitativa. Para coletar dados das crianças, os pesquisadores utilizaram uma variedade de metodologias e instrumentos, incluindo entrevistas, diários de campo, observação participante, fotografias e rodas de conversa. A base teórica dos trabalhos em sua maioria se fundamenta nos campos da sociologia da infância, antropologia da criança e história da infância.

O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE AS CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS?

Considerando a ampla gama de produções disponíveis, especialmente neste estudo, foram escolhidas seis dissertações para análise, com o objetivo de obter uma compreensão mais abrangente sobre a criança e a infância nos diferentes contextos amazônicos. Para realizar essa análise, foram realizadas leituras completas das dissertações selecionadas. Os trabalhos analisados estão apresentados na tabela abaixo:

Quadro 3 - Trabalhos analisados

Ano	Autor(a)	Título	Tipo
2020	Maria Carolina Henrique Marques	Culturas infantis e a documentação pedagógica: saberes culturais regionais das crianças da Amazônia amapaense	Dissertação
2019	Priscilla Pantoja do Nascimento Brandão	Saberes culturais ribeirinhos o brincar e a cultura infantil a partir das narrativas dos moradores da comunidade Arraiol – Arquipélago do Bailique/AP	Dissertação
2018	Érica de Sousa Peres	Crianças quilombolas marajoaras: saberes e vivências lúdicas	Dissertação
2015	Itemar de Medeiros Pinheiro	O brincar da criança indígena Sateré-Mawé: elo entre a socialização e a formação cultural	Dissertação
2015	Priscila Tavares Priante	As vozes das crianças às margens do rio Tapará: ser criança na comunidade Tapará Grande –Santarém/PA	Dissertação
2015	Suely weber	Crianças indígenas da Amazônia: brinquedos, brincadeiras e seus significados na comunidade Assuriní do Trocará	Dissertação

Fonte: Elaboração do autor do trabalho, 2023.

As produções apresentadas no quadro acima abordam temáticas relacionadas à criança e à infância em contextos quilombolas, indígenas, ribeirinhos e camponeses. Esses estudos foram desenvolvidos nessas comunidades específicas, e os autores buscam destacar nas obras as culturas lúdicas infantis que ocorrem em locais como: margens de rios, entre rios e florestas, e em diversos outros espaços nos quais as crianças constroem seus modos de vida, de acordo com suas condições socioculturais. Ao analisar essas obras em destaque, foram possíveis traçar várias reflexões sobre o significado de ser criança e vivenciar a infância na Amazônia.

De início, destacamos os trabalhos, nos quais os/as autores/as se dedicaram a estudar o brincar como referência para compreender o ser criança e a infância na Amazônia. As discussões partem da análise dos trabalhos de Weber (2015), Pinheiro (2015), Peres (2018) e Brandão (2019). Refletir e analisar o brincar no contexto amazônico a partir desses trabalhos,

representa grandes possibilidades investigativas, e trazem contribuições surpreendentes sobre as infâncias e as crianças.

Inicialmente, vale ressaltar os trabalhos nos quais os autores se dedicaram a estudar o brincar como uma forma de compreender a criança e a infância na Amazônia. As discussões são baseadas nas pesquisas de Weber (2015), Pinheiro (2015), Peres (2018) e Brandão (2019). Refletir e analisar o brincar no contexto amazônico, com base nesses estudos, oferece amplas possibilidades de investigação e traz contribuições surpreendentes sobre as infâncias e as crianças na região.

A pesquisa de Weber (2015) teve como objetivo desvendar os saberes presentes nos brinquedos e nas brincadeiras das crianças indígenas da comunidade dos Assuriní do Trocará, localizada no estado do Pará. A autora conduziu uma investigação etnográfica envolvendo 19 crianças com idades entre oito e doze anos. Por meio de suas observações das interações infantis expressas no brincar, a autora construiu diferentes percepções sobre a infância na comunidade.

A partir de seus escritos, a autora nos apresenta a criança indígena como sinônimo de brincadeira, segundo Weber (2015):

A brincadeira se constitui em atividade própria do desenvolvimento da criança, quer seja no aspecto biológico, pelo amadurecimento e crescimento, quer seja pelo aspecto social e cultural onde a criança se insere, interage e constrói sua identidade, adquire saberes pela convivência em grupo, internaliza regras, valores, comportamentos, pois aprende a interpretar e ressignificar o mundo no qual cresce e pertence. (p. 55)

A partir do trecho citado, é compreensível que o brincar das crianças indígenas Assuriní é o meio pelo qual ocorrem as interações com seus grupos. As relações sociais das crianças Assuriní com seus grupos são permeadas pela brincadeira e desempenham um papel importante na construção de suas identidades, pois permitem a aquisição e ressignificação das regras, crenças, valores, comportamentos e atitudes característicos da comunidade. Nesse sentido, por meio das relações estabelecidas durante o brincar, a criança adquire conhecimentos sobre si mesma, sobre outros indivíduos e sobre os significados culturais do lugar em que vive.

Essas ideias expressas por Weber (2015) corroboram a ideia de que a criança é capaz, competente e produtora de cultura, sendo a ludicidade o principal meio pelo qual expressam e vivenciam suas experiências, recriando a realidade acessível a elas. (SARMENTO; OLIVEIRA, 2020, p. 1125).

Nessa concepção, Weber (2015, p. 82) sinaliza ainda que as crianças da comunidade Assuriní do Trocará “em sua liberdade, sem amarras, revelam uma infância plena e experimentam o mundo como ele é; estão integradas plenamente ao lugar em que habitam, são

respeitadas e valorizadas no seu ser criança”. Contudo, as crianças retratadas pela autora ocupam um lugar importante em seu grupo social, desempenhando um papel significativo em comparação com outras comunidades ou sociedades.

Essas ideias corroboram com os apontamentos de Peres (2018) apresentados na sua dissertação. O estudo realizado pela pesquisadora envolveu uma pesquisa de campo na comunidade quilombola marajoara Vila de Mangueira, também localizada no estado do Pará. O objetivo da pesquisa foi investigar e analisar as manifestações lúdicas expressas nas brincadeiras das crianças que vivem na comunidade. Para isso, foi realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa e ênfase na Etnometodologia. Os sujeitos da pesquisa foram 15 crianças, que assumiram o papel de intérpretes de suas próprias vivências.

Peres (2018) demonstra que a criança quilombola marajoara da Vila de Mangueira é "um sujeito ativo com um papel atuante em seu contexto, contribuindo significativamente para a construção social e cultural do grupo ao qual pertence" (p.107). Assim, a autora nos possibilita compreender que as crianças nessa comunidade desempenham um papel ativo na construção de suas realidades socioculturais, permeando os diversos espaços disponíveis a elas. Portanto, na comunidade em questão, a criança é um sujeito atuante que contribui ativamente para seu ambiente de convivência.

Destarte, as manifestações lúdicas das crianças da Vila de Mangueira convergem enquanto práticas culturais, visto que elas em suas falas elaboram um discurso simbólico sobre suas vivências lúdicas, nas quais os significados são atribuídos a partir das suas interpretações culturais. (PERES, 2018, p. 112).

Nessa perspectiva, as considerações das autoras nos levam a refletir sobre o fato de que as crianças, enquanto atores sociais, não são simples receptoras de uma cultura preestabelecida que lhes impõe um lugar e papéis sociais, pelo contrário, elas exercem transformações nessa cultura, seja por meio da forma como a interpretam e a integram, seja pelos efeitos que produzem a partir de suas próprias práticas (SARMENTO, 2005a, p. 21). Em outras palavras, as crianças caracterizam-se como sujeitos ativos dentro de seus contextos socioculturais.

Em um outro estudo relacionado, a pesquisa de Brandão (2019) teve como objetivo investigar o brincar ribeirinho por meio das práticas culturais das crianças que residem na comunidade de Arraiol, localizada no Arquipélago de Bailique/AP. Essa análise contemplou tanto os aspectos materiais, quanto imateriais presentes no cotidiano desse grupo. A autora apresentou diversos pontos relevantes relacionados às crianças ribeirinhas amapaenses. Segundo Brandão (2019),

A criança ribeirinha constrói sua aprendizagem ao se relacionar com a natureza, isto é, brincando em um ambiente cercado por árvores, rios, flores, frutos, sementes, dentre outros, esse ambiente possibilita o desenvolvimento da criatividade da criança ao produzir seus próprios brinquedos, dando vida e identidade aos objetos no decorrer de suas brincadeiras. (p. 69)

Assim como Weber (2015) e Peres (2018), Brandão (2019) também enfatiza a importância da brincadeira em grupo nas comunidades tradicionais amazônicas como um meio pelo qual a criança se conecta às práticas culturais cotidianas de seu grupo sociocultural. Isso permite preservar a memória do povo e garantir a continuidade de sua cultura, ao mesmo tempo em que possibilita que as crianças se apropriem de elementos de sua realidade e lhes atribuam novos significados. Conforme Brandão afirma: "O brincar parte das experiências cotidianas das crianças em suas observações para com os adultos e parte também, na grande maioria das vezes, da utilização de elementos da terra para confecção dos brinquedos" (BRANDÃO, p. 130).

Nessa perspectiva, as criações das crianças são permeadas por um modo imaginário de agir no mundo. Elas transitam entre a fantasia e a realidade, de forma individual ou em grupo, pois possuem uma modalidade lúdica vinculada ao jogo, à brincadeira, à alegria e à fantasia (BARBOSA, 2014, p. 663). Assim, "as crianças brincam e compartilham culturas e identidades entrelaçadas por uma teia de significados que dão sentidos aos processos de criar, imaginar, sonhar e devanear" (ALVES, 2020).

Outra pesquisa relacionada ao tema é o estudo de Pinheiro (2015), que abordou o brincar como base do processo de socialização e formação cultural da criança Sateré-Mawé, com base em uma investigação empírica realizada na Comunidade Ilha Michiles em Maués/AM. No estudo, Pinheiro (2015) reflete sobre os sentidos e significados das diferentes manifestações sociais e culturais presentes na formação da criança, bem como suas implicações no processo pedagógico da escola local. Os sujeitos da pesquisa foram crianças e adolescentes na faixa etária de seis a quatorze anos, além de adultos considerados politicamente importantes no desenvolvimento da comunidade.

No estudo, Pinheiro (2015) relata que, desde os primeiros anos de vida, a criança Sateré-Mawé é cercada de cuidados e ensinamentos iniciados pelos socializadores ou mediadores, responsáveis por inserir esse novo membro no convívio da comunidade. Segundo o autor, as crianças da comunidade, desde muito pequenas, são inseridas em atividades com os adultos, onde interagem com os espaços da natureza; tais interações faziam parte da dinâmica de convivência diária.

Além disso, o autor indica que as atividades das crianças indígenas da comunidade Sateré-Mawé estão fortemente ligadas às atividades desenvolvidas pelos adultos, especialmente

por seus pais. Segundo Pinheiro (2015, p. 66), a família desempenha um papel fundamental no processo de socialização e educação da criança, transmitindo valores e bases iniciais de sua formação, os quais estão articulados aos valores da coletividade. Na verdade, a família e a coletividade estabelecem arranjos singulares pouco observados no meio urbano. Portanto, por meio das relações vivenciadas com os espaços naturais e com os membros de seu grupo social, a criança estabelece laços importantes e indispensáveis para seu desenvolvimento.

Os estudos mencionados mostram que a interação com a natureza é uma característica marcante nas comunidades retratadas, onde os indivíduos sabem conviver de maneira especial com os ambientes naturais. Nesse sentido, Brandão (2019, p. 70) destaca que "as brincadeiras das crianças ribeirinhas expressam suas culturas particulares, costumes e modos de vida, sendo a natureza a principal fonte de diversão para elas". Por sua vez, Pinheiro (2015) ressalta que, por meio do brincar, as crianças aprendem a conviver em harmonia com a natureza. A natureza representa uma área de interação física, social e cultural, propícia para encontros lúdicos entre as crianças, sem a mediação de um adulto.

Além disso, os pesquisadores enfatizam que é nos espaços dos rios e igarapés que as crianças retratam de forma mais intensa seu cotidiano. De acordo com Weber (2015),

As crianças Assuriní sozinhas ou em grupo estão sempre pelas margens do rio e do igarapé inventando novos percursos e a procura de algo que lhes surpreenda: seja uma pedra, um peixe, um pedaço de madeira, ou um pedaço de cipó que tenha a forma de cobra, ou qualquer outro objeto que possam transformar em brinquedo e se deleitarem (p.99)

Pinheiro (2015, p. 74) corrobora ressaltando a facilidade com que encontrou crianças brincando à beira do rio, seja na água ou na areia, em grupos grandes ou pequenos; geralmente acompanhadas de irmãos mais novos ou mais velhos, independentemente do gênero. Essas observações mostram que, no seu dia a dia, a criança tem a oportunidade de estabelecer uma relação íntima com os elementos dos espaços naturais. Nessa mesma perspectiva, Toutonge e Freitas (2022) enfatizam que, no contexto amazônico, as crianças:

Ligam-se constantemente com o mundo natural dos lugares, tornando assim, parte de suas rotinas e de seus aprendizados e, à medida que se socializam nessa dinâmica sociocultural regional, computam e percebem o mundo em meio as experiências, interações e relações com a natureza do lugar (TOUTONGE; FREITAS, 2022)

Essas constantes interações com a natureza proporcionam às crianças uma compreensão profunda do ambiente local, das plantas, dos animais e dos recursos naturais. Através dessas interações, elas aprendem a lidar com as adversidades dos rios e a compreender os diferentes

ritmos naturais, como o "tempo das marés", o "tempo das chuvas", o "tempo da pesca", o "tempo do trabalho na roça", o "tempo da brincadeira" e o "tempo dos saberes", que são disseminados coletivamente (ALVES, 2020).

Priante (2015) por sua vez, realizou uma investigação acerca do significado de ser criança junto a grupos de crianças com idades entre 5 e 6 anos na Comunidade Tapará Grande, localizada na Amazônia paraense, em Santarém/PA. A autora ressalta a importância de compreender as vivências diárias, relações e espaços experimentados pelas crianças, a fim de entender como esses elementos se entrelaçam e se influenciam mutuamente na definição do que realmente é ser uma criança. As respostas das crianças estão diretamente ligadas às suas experiências cotidianas, sendo esse o foco principal da pesquisadora.

Dessa forma, a ênfase da pesquisadora é construída a partir dos questionamentos direcionados às crianças da comunidade. Ao serem questionadas sobre o conceito de ser criança, o grupo de crianças de 5 anos aponta para:

Elementos relacionados ao aspecto físico, como ser pequena e questões comportamentais como ser legal e obedecer aos mais velhos. As questões descritas como próprias da criança são: "brincar", "estudar", alimentar-se, e auxiliar nas atividades domésticas. (p. 153).

Por outro lado, para as crianças do grupo de 6 anos, ser criança é explicado a partir da figura do bebê e envolve fazer coisas que um bebê não faz. Além disso, elas mencionam que ser criança também inclui ajudar a mãe a vender bolo (PRIANTE, 2015, p. 153).

Os resultados da pesquisa apontam para a diversidade de linguagens presentes no cotidiano dessas crianças, que são influenciadas tanto pelas tradições culturais locais quanto pelas tecnologias contemporâneas. Ademais, é evidente que as ideias de ser criança na Comunidade Tapará Grande são influenciadas por eventos reais e pelas experiências cotidianas com adultos e outras crianças. Nesse sentido, as crianças expressam em suas falas aprendizados socioculturais que adquiriram ao conviver com pais, avós, irmãos e outras pessoas.

Em outro estudo analisado, Marques (2020) realizou sua pesquisa no campo da pesquisa educacional, com o objetivo de discutir a documentação pedagógica na Educação Infantil. O propósito da pesquisa era compreender se a documentação pedagógica referente aos saberes culturais regionais das crianças da Amazônia amapaense permitia a construção das culturas infantis. O estudo foi conduzido no Centro de Educação Infantil (CEI) no município de Santana, Amapá, e envolveu crianças de cinco anos de idade, de uma turma do segundo período, e a professora.

Nesse estudo, a autora apresenta reflexões importantes baseadas na escuta das crianças. Ao ouvir as crianças, a pesquisadora identificou que elas compartilharam memórias, histórias, medos, superstições, crenças e personagens imaginários. Além disso, a autora revela que:

Os saberes culturais regionais dessas crianças são permeados de acontecimentos do mundo real e imaginário, das experiências cotidianas com os adultos e outras crianças, além da criação e fantasia. Elas possuem traços culturais de aprendizados oriundos dos pais, dos avós, irmãos e outras pessoas de seu convívio (MARQUES, 2020, p. 109).

Frente ao exposto, as falas das crianças revelam a proporção da presença da cultura amazônica no imaginário infantil. As criações das crianças estão vinculadas às regras do seu mundo real, ou seja, dos conteúdos culturais de seu grupo social.

Ademais, Marques (2020, p. 118) nos estimula reflexões sobre o processo educacional das crianças amazônidas. Segundo a autora, “a participação da criança é fundamental para a construção da sua jornada como protagonista e para as interações sociais que vão sendo estabelecidas no contexto escolar, crianças e adultos”. Nesse sentido, é essencial dedicar uma atenção especial às palavras e opiniões da criança, a fim de criar um ambiente propício para compartilhar conhecimentos culturais e experiências enriquecedoras.

Nessa perspectiva, é importante considerar as ideias da autora e aplicá-las na prática de ensino escolar. O ato de ouvir a criança possibilita uma compreensão mais profunda do seu contexto de vida. Logo, o/a educador/a deve superar a visão de homogeneidade, uma vez que cada criança vive uma realidade única, como podemos observar a partir dos estudos analisados. As crianças ainda que pertençam ao mesmo espaço sociocultural, apresentam características específicas que as diferenciam umas das outras, pois frequentam espaços distintos; têm acesso a meios tecnológicos distintos, e principalmente recebem influências diferenciadas de suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar envolvido e ser participante dos projetos de pesquisas e extensão do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infância, Educação e Cultura na Amazônia Paraense (NEPIECAP), tem sido um grande aprendizado, pois passei a acrescentar as lentes teóricas necessárias, que antes não me permitiam compreender as tessituras com que se produz conhecimento. Tenho aprendido o quanto a pesquisa pode enriquecer a vida acadêmica, profissional e pessoal de um estudante universitário. Ao se engajar nesse processo, o aluno tem

a oportunidade de aprofundar e construir conhecimentos ao longo de toda a sua trajetória educacional.

Nesse sentido, este estudo contribuiu para o aprofundamento de conhecimentos, visto que possibilitou a ampliação teórica sobre os universos das crianças e das infâncias que permeiam os territórios amazônicos. É notável, a partir dos trabalhos analisados, que as práticas culturais, como as brincadeiras, as danças, os rituais e as festividades, desempenham um papel fundamental na socialização e na transmissão de conhecimentos e valores no espaço em que a criança está inserida. Assim, destaca-se a importância de estudos que abordem a diversidade territorial presente na região amazônica, englobando a terra, as águas e a floresta.

Nessa perspectiva, o despontar do olhar para a temática ora investigada permite a compreensão dessas variações territoriais, possibilitando questionamentos sobre estereótipos e preconceitos. Desse modo, reconhecer as diferentes formas de “ser criança” e de se vivenciar a infância, nos permite refletir sobre uma abordagem educacional mais inclusiva, respeitosa e igualitária, tanto no espaço escolar como em outros espaços; garantindo que todas as crianças tenham seus direitos e necessidades atendidos, independentemente de sua origem cultural, social, étnica ou histórica.

Do ponto de vista educacional, como educador, é essencial que se dê visibilidade às vozes infantis, integrando-as no processo pedagógico e nas práticas educativas. Isso permitirá a construção de metodologias de ensino que estejam relacionadas aos conhecimentos que compõem os contextos de vida das crianças, ou seja, promovendo atividades lúdicas e a valorização da cultura local, que contribuem para um aprendizado significativo e uma experiência educacional enriquecedora para as crianças.

Deste modo surge a necessidade de refletir sobre uma pedagogia da infância, baseada na escuta das crianças, para que assim educadores e educadoras possam construir um olhar a partir da criança e não para ou sobre ela; que seja ouvida, que possa falar, onde possa ser reconhecida como sujeito da e na história, produto e produtora de cultura. Portanto, é importante que o educador conheça as especificidades de cada criança, estando atento em seus interesses e em suas habilidades.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Sociologia da Infância**: traçando algumas linhas. *Contemporânea*, v. 8, n. 2 p. 371-383, Jul.–Dez. 2018. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/653/pdf>. Acesso em: 06 fev. 2023.

ALVES, L. M. S. A. **Ensaio Cartográfico Sobre a Infância**: O desafio da pesquisa com crianças na Amazônia paraense. Revista Humanidades e Inovação, v.7 n.15, p. 33-49, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3963>. Acesso em: 05 set. 2022.

ANDRADE, S. S.; PACHECO, T. do S. C. Infâncias e crianças ribeirinhas da Amazônia marajoara: linguagens e práticas culturais. Revista @rquivo Brasileiro de Educação, Belo Horizonte, v. 4, n. 9, p. 104-116, set./dez. 2016.

BARBOSA, M. C. S. Culturas Infantis: contribuições e reflexões. Rev. Diálogo Edu. Curitiba, v. 14, n. 43, set. – dez. p. 645-667, 2014.

BARBOSA, M. C. S. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares**: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007.

BARBOSA, M. C. S. DELGADO, A. C. C. TOMÁS, C. A. Estudos da infância, Estudos da criança: quais campos? quais teorias? quais questões? quais métodos? Inter-Ação, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103-122, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v40i3.35869>>. Acesso em: 08 jan. 2023.

BRANDÃO, P. P. N. **Saberes Culturais Ribeirinhos**: o brincar e a cultura infantil a partir das narrativas dos moradores da comunidade de Arraiol - Arquipélago do Bailique/AP. 2019. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2019. Disponível em: <https://www2.unifap.br/ppged/dissertacoes/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Trad. Lia Gabriele R. Reis, Rev. Maria Leticia B. P. Nascimento. Porto Alegre; Artmed, 2011, 2 ed.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da arte”. Revista Educação e Sociedade. Vol.23, n.79. Campinas. Agosto, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.phd?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013. Acessado em: 02 fev. 2023.

MARQUES, M. C. H. Culturas Infantis e a Documentação Pedagógica: saberes regionais das crianças da Amazônia amapaense. 2020. 146 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2020. Disponível em: <https://www2.unifap.br/ppged/dissertacoes/>. Acesso em: 15 jan. 2022

MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. 7 ed. São Paulo, Atlas, 2017.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa. **Estado do Conhecimento**: conceitos, finalidades e interlocuções. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 5, n. 2, pág. 154-164, jul.- dez. 2014.

MÜLLER, F.; HASSEN, M. N. A. A infância pesquisada. Psicologia USP, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 465-480, jul./set. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pusp/a/7GwJ7wsWFRB68NK3npKmZDt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2023.

PERES, É. S. **Crianças Quilombolas Marajoaras: saberes e vivências lúdicas**. 2018. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019. Disponível em: https://ccse.uepa.br/ppged/?page_id=2124. Acesso em: 05 fev. 2022

PINHEIRO, I. M. **O brincar da criança indígena Sateré-Mawé: elo entre a socialização e a formação cultural**. 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5117>. Acesso em: 21 jan. 2022.

PRIANTE, P. T. **As vozes das crianças as margens do rio Tapará: ser criança na comunidade Tapará Grande – Santarém/PA**. 2015. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2015. Disponível em: http://www.ufopa.edu.br/ppge/images/dissertacoes/turma_2014/priscila_tavares_priante.pdf. Acesso em: 21 jan. 2022.

QUINTEIRO, J. **Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate**. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. esp., p. 137-162, jul./dez. 2002.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas são denominadas do tipo "Estado da arte" em educação**. *Revista Diálogo Educacional*, vol. 6, n. 19, pág. 37-50, set.-dez. 2006.

SARMENTO, T.; OLIVEIRA, M. **Investigar com as Crianças: das narrativas à construção de conhecimentos sobre si e sobre o outro**. *Rev. Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 15, pág. 1121-1135, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/download/8289/6836/>. Acesso em: 09 fev. 2023.

SARMENTO, M. J. **Crianças: educação, culturas, e cidadania ativa refletindo em torno de uma proposta de trabalho**. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jul. 2005a.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005b. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10/08/22.

TOUTONGE, E. C. P.; FREITAS, M. N. M. **As crianças e a natureza em contextos rurais amazônicos**. *Revista Exitus*, Santarém/PA, v. 12, p. 01-25, 2022. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1693>. Acesso em: 9 jan. 2023.

WEBER, S. **Crianças Indígenas da Amazônia: brinquedos, brincadeiras e seus significados na comunidade Assurini de Trocará**. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015. Disponível em: https://ccse.uepa.br/ppged/?page_id=898. Acesso em: 06 fev. 2022.